

Textos para discussão **Política**

# **Raça e voto 2022: Percepções do eleitorado brasileiro.**

## **Parte I**

João Feres Júnior  
Carolina de Paula

Março 2026

Apoio

**Luminate**  
IBIRAPITANGA

Realização



**gemmaa** Grupo de Estudos  
Multidisciplinares  
de Ação Afirmativa

# **Textos para discussão** **Política**

## **Expediente**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ  
Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP

## **Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa**

<http://gema.iesp.uerj.br>  
[gema@iesp.uerj.br](mailto:gema@iesp.uerj.br)

## **Coordenadores**

João Feres Júnior

## **Subcoordenadores**

Raissa Sales  
André Felix

## **Comunicação**

Hedylaine Boscolo  
André Madruga

## **Pesquisadoras Associadas**

Anna Carolina Venturini  
Izabele Sá  
Juliana Marques  
Beatriz Fernandes Almeida

## **Capa, layout e diagramação**

Izabele Sá

Apoio

**Luminate**  
IBIRAPITANGA

Realização



**gema** Grupo de Estudos  
Multidisciplinares  
de Ação Afirmativa

# 26 \ Textos para discussão (gema)

## Raça e voto 2022: Percepções do eleitorado brasileiro sobre política. Parte I

João Feres Júnior  
Professor  
IESP-UERJ

Carolina de Paula  
Pesquisadora  
IESP-UERJ

A Pesquisa Nacional “Raça e voto 2022”, conduzida no âmbito do Laboratório de Estudos da Mídia e da Esfera Pública (LEMEP) do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ), foi concebida para investigar a relação entre raça, formação de opinião política e comportamento eleitoral no Brasil. Este primeiro relatório apresenta a metodologia da pesquisa, descreve a composição dos quarenta grupos focais realizados em capitais das cinco regiões do país e analisa as percepções gerais do eleitorado acerca de problemas sociais, hábitos de informação política, critérios de escolha eleitoral e avaliações sobre a representação política de negros.

## Sumário

<b>1. A pesquisa</b> .....	5
<b>2. Metodologia</b> .....	5
<b>3. Grupos</b> .....	9
3.1. Composição dos Grupos .....	9
3.2. Roteiro dos Grupos .....	10
<b>4. Problemas da vida atual</b> .....	12
<b>5. Informação política</b> .....	15
<b>6. Políticos admirados</b> .....	17
<b>7. Escolha do voto</b> .....	20
<b>8. Raça e representação política</b> .....	22
8.1. Motivos da subrepresentação política .....	24
8.2. Consequências da representação negra .....	26
<b>9. Conclusão</b> .....	28

Realização



**gema** Grupo de Estudos  
Multidisciplinares  
de Ação Afirmativa

Apoio

**Luminate**

IBIRAPITANGA

## **1. A pesquisa**

A literatura acadêmica brasileira sobre o tema ainda é relativamente escassa. Estudos pioneiros realizados entre o final da década de 1960 e o início da década de 1970 exploraram a relação entre raça e comportamento político, mas tiveram escopo geográfico limitado e não geraram uma tradição consolidada de investigação. Pesquisas posteriores, realizadas sobretudo a partir da redemocratização e do fortalecimento do debate público sobre políticas de ação afirmativa, contribuíram para recolocar a questão racial no centro da análise política, mas os resultados ainda permanecem fragmentados e muitas vezes inconclusivos.

Além disso, a produção acadêmica existente concentra-se frequentemente em estudos quantitativos baseados em surveys ou em experimentos de pequena escala. Embora tais abordagens permitam identificar correlações e padrões agregados, elas raramente conseguem captar os significados atribuídos pelos próprios eleitores às questões raciais e políticas. A presente pesquisa procura preencher essa lacuna por meio de um desenho qualitativo de alcance nacional.

O projeto foi estruturado em duas etapas complementares. Este primeiro relatório baseia-se na realização de quarenta grupos focais online distribuídos por capitais das cinco regiões do país. Após a apresentação detalhada da metodologia e da composição dos grupos, são analisadas as percepções gerais do eleitorado acerca de problemas sociais, hábitos de informação política e critérios de escolha eleitoral. A seção final examina as visões dos participantes sobre a representação política de negros, incluindo os motivos percebidos para a subrepresentação e as consequências esperadas de seu aumento.

O segundo relatório desta pesquisa aprofunda a análise da dimensão racial do comportamento político. Nele investigamos de forma mais sistemática como os eleitores interpretam políticas e agendas associadas à igualdade racial — como cotas, representação política e reconhecimento cultural — e como tais temas se articulam com identidades sociais, crenças políticas e escolhas eleitorais.

Ao combinar essas duas etapas, o projeto pretende oferecer um retrato abrangente das relações entre raça, opinião pública e política eleitoral no Brasil contemporâneo, contribuindo tanto para o debate acadêmico quanto para a compreensão prática das dinâmicas de representação política no país.

## **2. Metodologia**

Adotamos um método de natureza qualitativa: os grupos focais online. Tal método de pesquisa é útil para os objetivos propostos, pois aprofunda temas sensíveis e difíceis de serem explorados por meio de pesquisas quantitativas ou mesmo da aplicação de questionários estruturados.

Os esforços até hoje empreendidos para se localizar padrões de diferenças significativas entre brancos e não brancos no âmbito das preferências eleitorais têm utilizado ou técnicas muito “micro”, como entrevistas e experimentos com poucas pessoas, ou muito “macro”, como é o caso dos surveys estatísticos. Se as primeiras produzem resultados de difícil generalização, as segundas são capazes de captar diferenças entre grupos da população, mas não de interpretar seu significado. Devido ao seu desenho, os surveys, tão frequentemente comentados no noticiário contemporâneo, não aprofundam a compreensão sobre as motivações do voto, nem o entendimento sobre as instituições e atores que compõem o sistema de representação política do país. Já a metodologia de grupos focais fica no meio do caminho entre o “micro” e o “macro”, permitindo assim generalizações prováveis a partir dos resultados, comparação de variáveis relevantes e aprofundamento do entendimento sobre os fenômenos investigados. Em suma, a pesquisa qualitativa nacional aqui proposta tem caráter pioneiro.

Não se trata, contudo, de descartar os resultados dos surveys quantitativos. Muito pelo contrário, utilizamos os conhecimentos acumulados pelas inúmeras pesquisas de preferências eleitorais como ponto de partida para desenhar a nossa pesquisa qualitativa. Variáveis sociodemográficas tradicionais nos estudos da opinião pública, como gênero, renda, classe social, escolaridade, idade, religião e raça foram tomadas como filtros na formação dos grupos da presente pesquisa, pois isso nos permite fazer comparações. Outra variável que tem se mostrado relevante na formação de preferências eleitorais é a região do país.

As variáveis foram empregadas da seguinte maneira para montagem dos grupos focais da primeira fase da pesquisa:

### **Raça**

A literatura acadêmica não é consensual no que diz respeito ao emprego de categorias raciais para a análise. Os primeiros trabalhos de mobilidade social a detectar desigualdades raciais profundas na sociedade brasileira utilizaram as categorias do IBGE, pretos e pardos, às vezes agregando-as sob o rótulo de não-brancos.<sup>1</sup> Posteriormente, alguns analistas passaram a usar a categoria “negros” para denotar a agregação de pretos e pardos, de maneira similar aos movimentos sociais, sob a justificativa de que os padrões de desigualdades sociais que afetam pretos e pardos são similares em intensidade. Trabalhos recentes têm mostrado, contudo, que em alguns aspectos pretos e pardos apresentam perfis de desigualdade diferentes,<sup>2</sup> inclusive no que toca seus padrões de percepção da discriminação.<sup>3</sup>

1 Hasenbalg, Carlos, and Nelson do Valle Silva. 1988. *Es-trutura social, mobilidade e raça*. Rio de Janeiro: IUPERJ; Hasenbalg, Carlos A. 1979. *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.

2 Ribeiro, Carlos Antonio Costa. 2006. “Classe, raça e mo-bilidade social no Brasil.” *Dados* 49 (4):833-873.

3 Daflon, Verônica Toste, Flávio Carvalhaes, and João Fe-res Júnior. 2017. “Sentindo na Pele: Percepções de Discriminação Cotidiana de Pretos e Pardos no Brasil.” *Dados* 60 (2):293-330.

Análise recente feita por nossa equipe, utilizando a técnica estatística da regressão logística ordinal, a partir dos microdados de 6 surveys do Instituto Datafolha acerca da avaliação do governo Bolsonaro, mostram diferenças substantivas e estatisticamente significativas entre pretos, pardos e brancos no apoio ao governo Bolsonaro, um sinal de que tais diferenças podem também se expressar no contexto mais amplo das preferências eleitorais.

Assim, optamos por utilizar a variável raça como filtro de maneira a nos permitir captar diferenças quando relevantes, mas também agregar pretos e pardos sob a categoria “negros”, quando tal escolha faça sentido. Como o contingente de pardos é, segundo dados demográficos,<sup>4</sup> muito maior do que o de pessoas autoidentificadas como pretas, optamos por dedicar dois grupos focais com participantes pardos para um grupo focal formado por pretos. Também fizemos um grupo de brancos a fim de servir de parâmetro de comparação e, também, para podermos avaliar a aderência de questões relativas à raça junto a esse eleitorado.

Em cada capital selecionada para a pesquisa fizemos dois grupos com participantes pardos, um com pretos, um com brancos e um grupo com evangélicos, que tinha uma composição racial mista.

### **Região**

A fim de conferir à pesquisa um caráter nacional, fizemos grupos nas cinco regiões brasileiras. É sabido que a identidade racial tem variações regionais, ou mesmo estaduais, em nosso país. Portanto, é razoável supor que a ativação eleitoral da questão racial também varie. Por outro lado, é importante representar em nossa amostra a dimensão numérica bastante desigual do eleitorado das regiões.

Assim, as regiões Sudeste e Nordeste foram contempladas com duas capitais cada, por serem de longe as mais populosas, respectivamente 42,06% e 27,79% do eleitorado brasileiro, enquanto as outras três regiões foram representadas apenas por sua capital mais populosa.

A restrição da pesquisa às capitais estaduais se justifica não somente por seus enormes contingentes populacionais, mas também porque elas funcionam como polo de geração e transmissão de informações para seus estados e regiões, e concentram operações de empresas de mídia e entretenimento.

### **Renda/classe social/escolaridade**

A adição de variáveis de controle tem como resultado o aumento do número de grupos focais. A fim de manter o projeto dentro de dimensões factíveis tomamos a renda como proxy (representante) da classe social e da escolaridade.

Avaliar a classe social dos participantes redundaria em classificá-los segundo

.....

4 A população brasileira tem uma proporção estimada de 46,8% de pardos e 9,4% de pretos, segundo a PNAD 2019.

seus ramos de atividade, o que tornaria o processo de recrutamento muito complexo. Tradicionalmente, a escolaridade é bastante associada à renda, no Brasil e em sociedades mundo afora.

Como nos dias de hoje aproximadamente 80% da população brasileira está na faixa que vai de 1 a 5 salários-mínimos de renda – classes C, D e E – recrutamos todos os grupos entre pessoas nessas faixas de renda.

### **Gênero**

Junto com a igualdade racial, a igualdade de gênero é um tema que tem ganhado enorme relevância na esfera pública, mesmo no contexto de recrudescimento conservador pelo qual passamos.

Os surveys mostram que a variável gênero tem consequências para a opinião política dos respondentes: mulheres tendem a ser mais progressistas do que homens. Por exemplo, pesquisa qualitativa de grupos focais feitas por nossa equipe na eleição para a Prefeitura do Rio de Janeiro em 2020 mostrou forte identificação de jovens eleitoras com a interseccionalidade da condição da mulher negra. Ou seja, parece haver um forte potencial na combinação dessas variáveis do ponto de vista da construção de estratégias de campanhas eleitorais.

Contudo, devido a limitações do desenho da pesquisa, decidimos não adotar o gênero como variável filtro dos grupos focais, mas cuidamos para que na sua composição as mulheres tivessem uma participação sempre acima de 50%, a fim de reproduzir o universo demográfico.

### **Idade**

Os surveys mostram que a variável idade tem consequências para a opinião política dos respondentes: em média, jovens tendem a ser mais progressistas do que adultos mais velhos.

Pesquisa qualitativa de grupos focais feitas por nossa equipe na eleição para a Prefeitura do Rio de Janeiro, em 2020, mostrou alta sensibilidade relativa dos jovens, em comparação a seus pares mais velhos, no que toca a questão racial. Jovens também têm hábitos de consumo de informação e de adesão a tendências culturais próprios, razão adicional para a idade ser adotada como variável filtro na pesquisa.

Utilizamos a idade de 30 anos como divisória entre adultos jovens e maduros, por permitir uma distribuição demográfica mais balanceada sem tornar o teste da hipótese da diferença geracional ineficaz. Devido ao rápido envelhecimento da população brasileira, a adoção de idades de corte menores redundaria em um grupo muito pouco representativo de eleitores do lado jovem. Aplicamos o filtro de idade somente nos grupos de pardos, pois foram os mais numerosos. E restringimos o grupo de pretos a participantes acima de 30 anos de idade a fim de podermos comparar os resultados com os grupos de pardos maduros.

## Religião

Pesquisa qualitativa nacional sobre o bolsonarismo,<sup>5</sup> feita por nossa equipe recentemente, mostra forte adesão de evangélicos a uma agenda de valores conservadora, que inclui a rejeição da igualdade de gênero e de direitos para minorias em nome de supostos valores familiares.

Nossas análises quantitativas, baseadas em microdados de surveys nacionais, mostram que o apoio de respondentes evangélicos ao Governo Bolsonaro é substancialmente maior do que aquele emprestado por pessoas de outras religiões e ateus.

Como a proporção de evangélicos na população brasileira total está em torno de 30%, é fundamental avaliarmos se existe uma interação entre fé e a questão racial no âmbito das preferências eleitorais, assunto praticamente não explorado pela literatura especializada. Para tal conduzimos um grupo focal em cada capital formado exclusivamente por evangélicos, preservando o filtro de renda mas abrindo a participação para todas as idades.

## 3. Grupos

### 3.1. Composição dos Grupos

Grupos focais	Cidade	Idade	Raça	Religião
G01	Rio de Janeiro	Jovens	Pardos	Mista
G02	Rio de Janeiro	Maduros	Pardos	Mista
G03	Curitiba	Maduros	Pardos	Mista
G04	Rio de Janeiro	Maduros	Pretos	Mista
G05	Curitiba	Maduros	Pretos	Mista
G06	Curitiba	Jovens	Pardos	Mista
G07	Cuiabá	Jovens	Pardos	Mista
G08	Cuiabá	Maduros	Pardos	Mista
G09	Cuiabá	Maduros	Pretos	Mista
G10	Salvador	Maduros	Pretos	Mista
G11	Salvador	Jovens	Pardos	Mista
G12	Salvador	Maduros	Pardos	Mista
G13	Belém	Jovens	Pardos	Mista
G14	Belém	Maduros	Pardos	Mista
G15	São Paulo	Jovens	Pardos	Mista

.....  
5 <https://iree.org.br/iree-e-lemep-uerj-divulgam-pes-quisa-sobre-perfil-do-bolsonarismo-no-brasil/>

G16	Belém	Maduros	Pretos	Mista
G17	São Paulo	Maduros	Pardos	Mista
G18	São Paulo	Maduros	Pretos	Mista
G19	Fortaleza	Jovens	Pardos	Mista
G20	Fortaleza	Maduros	Pardos	Mista
G21	Fortaleza	Maduros	Pretos	Mista
G22	Brasília	Maduros	Pretos	Mista
G23	Brasília	Jovens	Pardos	Mista
G24	Brasília	Maduros	Pardos	Mista
G25	Rio de Janeiro	Mista	Mista	Evangélica
G26	Rio de Janeiro	Mista	Branco	Mista
G27	Curitiba	Mista	Branco	Mista
G28	Curitiba	Mista	Mista	Evangélica
G29	Salvador	Mista	Mista	Evangélica
G30	Salvador	Mista	Branco	Mista
G31	São Paulo	Mista	Branco	Mista
G32	São Paulo	Mista	Mista	Evangélica
G33	Cuiabá	Mista	Branco	Mista
G34	Cuiabá	Mista	Mista	Evangélica
G35	Brasília	Mista	Branco	Mista
G36	Brasília	Mista	Mista	Evangélica
G37	Belém	Mista	Mista	Evangélica
G38	Belém	Mista	Branco	Mista
G39	Fortaleza	Mista	Branco	Mista
G40	Fortaleza	Mista	Mista	Evangélica

### 3.2. Roteiro dos Grupos

O roteiro utilizado nos grupos focais foi estruturado de modo a permitir que os participantes se acostumem com a situação dialógica do grupo e comecem a conversa refletindo sobre aspectos mais triviais de sua vida cotidiana. Em seguida, temos uma bateria de assuntos que dizem respeito à política em geral e às maneiras como as pessoas recebem informação política e fazem suas escolhas eleitorais. Logo após, tem início um bloco com três temas relacionados à agenda racial, na seguinte ordem: representação de negros na política, cotas raciais e ensino da cultura e histórica da África e afro-brasileira são introduzidas questões pertinentes à agenda da igualdade racial.

Os temas dizem respeito à representação de maneiras diferentes. Temos primeiramente a representação política propriamente dita. Com as cotas, temos o tema representação dos negros entendida como presença em lugares de prestígio social

(ensino superior e mercado de trabalho). E com o tema do ensino da cultura e história da África e afrobrasileira temos a representação entendida como reconhecimento cultural.

Ao final da sessão de cada grupo focal fizemos um experimento para testar as preferências dos participantes perante a escolha de candidatos a deputado com perfis diferentes.

No caso dos grupos de evangélicos, adicionamos ao final da sessão os temas da tolerância religiosa e do impacto da religião no voto.

Abaixo vai um resumo do roteiro para melhor compreensão da dinâmica da discussão nos grupos.

### ***Problemas da vida atual***

Após uma introdução na qual a pesquisa foi apresentada aos participantes e cada um foi instado a se identificar, a mediadora começou a conversa abordando percepções relativas à experiência de vida dos participantes, com foco nos principais problemas que identificam em sua cidade, estado ou mesmo no contexto nacional.

### ***Informação política***

Nessa seção os eleitores conversaram sobre os seus hábitos de consumo de informação política e os canais por meio dos quais se informam sobre a atuação de políticos, particularmente de deputados federais.

### ***Escolha do voto***

A mediadora introduziu, então, a questão da escolha do voto para deputados federais, explorando suas motivações e o perfil do candidato (a) preferido(a).

### ***Políticos admirados***

Os participantes foram instados a nomear políticos pelos quais tinham admiração e a justificar essa admiração.

### ***Representação política***

Inicia-se aqui a temática racial nos grupos focais. Na sequência, exploramos percepções acerca da representação/presença de negros(as) no âmbito da política institucional, acesso à educação superior e ao emprego (cotas raciais) e no currículo escolar. O objetivo foi compreender como diferentes demandas da agenda da igualdade racial são significadas pelos eleitores e impactam suas escolhas eleitorais.

Após assistirem a um vídeo contendo uma reportagem de telejornal sobre a subrepresentação de negros e negras no Congresso Nacional, os participantes discutiram a questão, relatando seu conhecimento e opinião sobre o assunto e apontando as possíveis causas desse problema e prováveis consequências do aumento da representação negra no legislativo e na política em geral.

### ***Cotas raciais***

Após assistirem a um vídeo do Canal Preto no qual intelectuais e ativistas discutem e defendem as cotas raciais, os participantes foram instados a manifestarem suas opiniões sobre o assunto.

### ***Ensino da cultura e história da África e afrobrasileira***

Nessa sessão os participantes discutiram o ensino da cultura e história da África nas escolas e a implementação da Lei 10.639/2003 a partir de um vídeo de um programa de entrevistas do canal Futura, versando sobre o assunto.

### ***Experimento eleitoral***

Participantes foram instados a escolher entre:

- 1- candidato a deputado federal que defende as cotas e outro que defende uma agenda de bairro.
- 2- candidato a deputado federal que defende as cotas e outro que defende a agenda da segurança pública.

### ***Política e religião***

Os participantes assistiram a um vídeo sobre intolerância contra religiões de matriz afrobrasileira e africana. Em seguida foram instados a expressar suas opiniões sobre o tema. Depois foi pauta a questão da importância da religião na escolha de candidatos.

## ***4. Problemas da vida atual***

Esse segmento inicial do roteiro introduz os participantes e os convida a refletir sobre sua situação de vida atual e os principais problemas que enfrentam, particularmente no que concerne sua vida em sociedade.

### ***Nuvem de palavras***

Abaixo temos a nuvem de palavras formada a partir do texto integral das transcrições de todos os 40 grupos focais, ao longo do módulo de conversa sobre os problemas da vida atual.



## Análise

Os problemas relativos à saúde foram os mais citados pelos participantes, geralmente associado ao agravamento trazido pela pandemia. As reclamações mais frequentes são longas filas de espera para atendimento, longo tempo ou mesmo impossibilidade de marcação de consultas e de procedimentos cirúrgicos, falta de médicos e enfermeiros e falta de unidades de atendimento.

A falta de segurança vem em segundo lugar na lista de problemas mais citados. Houve grande variação de grupo para grupo, com alguns muito sensíveis à questão enquanto outros sequer a mencionaram. Ela geralmente esteve associada a reclamações sobre falta de policiamento, excesso de assaltos e roubos em contextos como o transporte público, as ruas, o comércio e o entretenimento noturno. Quase sempre bandidos e marginais são nomeados como ameaças à segurança pública, mas houve grupos em que a violência policial foi citada como a componente principal da falta de segurança.

Em seguida vêm as reclamações relativas à questão econômica. Primeira entre elas, o desemprego e a falta de oportunidades de emprego. Logo em seguida tivemos também muitas reclamações acerca da inflação, da alta acentuada do custo de vida e da incapacidade dos salários de acompanharem essa escalada. Com menor frequência ouvimos também reclamações acerca da volta da fome, da pobreza e da miséria. Os problemas relativos ao mal estado da economia nem sempre vieram associados à conjuntura da pandemia, mas com frequência o são.

O transporte aparece em quarto lugar entre os problemas mais mencionados. Aqui as narrativas estão muito associadas à vida nas periferias das grandes cidades, com as pessoas sofrendo por falta de ônibus, diminuição de linhas, tempo excessivo de espera e tempo excessivo de traslado.

Em quinto lugar vem a educação, que como a saúde foi problema altamente correlacionado à pandemia. Participantes, em sua maioria mães, reclamaram da interrupção dos serviços nas escolas públicas, da baixa qualidade ou inoperância de esquemas de educação remota, da falta de escolas e da má qualidade ou estado de conservação dos equipamentos das escolas.

Por fim houve um núcleo difuso, e menos frequente, de problemas relacionados à administração pública das cidades, como falta de saneamento básico e problemas na pavimentação das ruas, muitas vezes enunciados sob o rótulo de problemas de infraestrutura ou como má gestão da coisa pública.

## **Falas**

*“Saúde, educação. Saúde é pior que educação. Eu tive dengue há 15 dias. Estou com sequelas e não tem atendimento. Não tem atendimento e quando tem é ruim.” (mulher madura parda – Brasília)*

*“São as filas de espera da saúde que estão tendo problema. Estou há anos esperando exames.” (mulher madura preta – Fortaleza)*

*“Os problemas do bairro são muitos, mas a saúde é um dos principais. Pois o governo não investe nas escolas públicas. Eu acho que o método de ensino das escolas públicas está ultrapassado. Um aluno de uma escola particular em uma escola, um aluno de uma escola pública. O que tem mais chances de entrar na universidade hoje é quem está na escola particular. Não por conta da gente ser inferior. Mas por conta do estilo do ensino, que é ultrapassado.” (homem maduro preto – São Paulo)*

*“Eu acho que na área da saúde é muito precária. Para as pessoas conseguirem uma consulta. Tem que ir de madrugada. Plano de saúde é caro. As pessoas não têm condições para pagar, não tem emprego.” (mulher madura parda – Belém)*

*“Cada um vive uma situação diferente. Estou cursando pedagogia, estou atrás de um emprego em minha área. E a educação está muito precária. Para hoje viver com o salário mínimo, precisa fazer ele render o mês todo. E as coisas estão lá em cima. E tendo filho dobra ainda mais.” (mulher jovem parda – Rio de Janeiro)*

*“Na parte de comprar e viver, ficou muito mais caro, muito mais difícil. Tudo ficou mais caro, carne, gasolina. Tudo depende do transporte. O óleo, que era 3 BRL, foi para 9 BRL. Nem para fazer uma pipocada mais.” (Mulher madura parda – Curitiba)*

*“O preço dos alimentos está cada vez mais alto e o nosso salário cada vez menor. Está tudo muito caro.” (homem jovem pardo – São Paulo)*

*“O maior problema é o transporte. O transporte em Brasília é muito precário. E a saúde, realmente, a gente não tem. Temos também a questão do desemprego. quando você sai de Brasília, todo mundo fala, você é de Brasília, terra do dinheiro, da política, dos deputados. A gente tem um desemprego muito alto, não tem oportunidade para as pessoas. As pessoas que fazem atividades sem carteira assinada tem uma vida muito precária, tem os moradores de rua. A gente vê bastante, é super desumano.” (mulher madura parda – Brasília)*

*“A segurança, principalmente. Até pela manhã tem ocorrido muitos assaltos aqui no bairro. No horário escolar mesmo teve assalto, troca de tiros. A questão da educação, eu acho que deveria ser implantado um reforço devido à pandemia. A minha filha está no quinto ano, e se tivesse um reforço no horário extra curricular, seria bem interessante.” (mulher branca - Curitiba)*

*“Na minha opinião, saúde, transporte e educação são as principais e segurança.” (homem jovem pardo – Salvador)*



## **Análise**

As redes sociais e a internet são os canais mais utilizados pelos participantes para obtenção de informação política. Entre as redes citadas, o Instagram foi de longe a mais popular. Em seguida tivemos aqueles que declararam só ter acesso a notícias pela televisão, com metade do número de menções recebidos pelos meios digitais. Há também um grupo significativo de pessoas que declaram se informar por vários meios. Eles são mais numerosos inclusive do que os que só usam a televisão.

Nota-se a penetração de argumentos de sus-peição em relação ao noticiário televisivo, por ele sempre ter lado, e em relação à internet, por ser um canal de circulação de notícias falsas. Vários participantes repetiram o argumento de que fazem “pesquisa” na internet para verificar a veracidade de notícias que recebem, seja por meio televisivo ou da própria internet. A Rede Globo foi frequentemente rejeitada por participantes, por sua parcialidade, mais do que os outros canais abertos.

O rádio e os jornais e revistas impressões foram citados muito raramente pelos participantes.

Um contingente também significativo de pessoas em todas as capitais pesquisadas declara não buscar ou consumir informação política, atitude geralmente ligada à desilusão com a política e com os políticos e à perda da esperança de que o voto tenha força para transformar uma situação percebida como de alienação do povo imposta pelos governantes. Esse sentimento é muito difundido em todos os grupos, com variações de intensidade.

É bastante disseminada a leitura de que a informação política é escassa em todas as esferas. No que toca a atuação de deputados federais, as informações são percebidas como mais raras ainda. Algumas pessoas declaram não se interessar por buscá-las, mas outras reclamam de que os meios de comunicação não trazem notícias sobre deputados, a não ser quando do advento de escândalos.

Vários participantes foram incisivos em afirmar que os deputados não se esforçam para se comunicar com seu eleitorado, que só aparecem em momentos de campanha, para fazer promessas e depois somem por 3 anos sem mais darem satisfação. Essa é uma das versões do grande discurso de desilusão com a política, que apareceu fartamente ao longo da pesquisa.

Alguns participantes reclamaram que não têm tempo a perder com a busca de informações pois seu dia é todo tomado por esforços para garantir sua sobrevivência.

## **Falas**

*“Não gosto muito de acompanhar pela televisão. Eu geralmente busco outras fontes. Eu busco a raiz das informações. Hoje em dia a gente tem muita questão das fake news. Muitas vezes as pessoas acabam sendo enganadas e manipuladas de forma mal por mal maldosa.”  
(mulher madura preta - Brasília)*

*“Eu não assisto televisão faz 15 anos. Eu acho perigoso as redes sociais. Tem muito fake News, muita opinião.” (homem maduro pardo – Curitiba)*

*“Eu não sigo muito a questão da política. Sei que preciso melhorar. Infelizmente, eu acho que existe a questão de fake News, De favoritismo em algumas partes, isso me intriga um pouco. A minha igreja, onde eu participo sempre, está a par. A gente sempre acompanha os vereadores, deputados, para ficar a par. Para não ter esse fake news é melhor se informar com as pessoas que nós conhecemos, próximos.” (mulher jovem parda – Cuiabá)*

*“As redes sociais estão cheios de fake news. Eu procuro acompanhar pelos jornais.” (mulher jovem parda – Fortaleza)*

*“Eu não, eu não gosto assim de assistir a TV aberta, porque existe muita manipulação ali, né? Então, para mim, as redes sociais, elas são bem mais importantes pra isso.” (homem maduro pardo – Cuiabá)*

*“Para a gente, chega muito pouco. Um pouco que eu sei é porque eu pesquiso deputados de outros estados, de outros lugares, mas o nosso aqui. Não tem um jornalismo específico sobre o que eles fazem. Certo? Se a gente não procura ninguém, vai saber de nada.” (homem jovem pardo – Salvador)*

*“Os assuntos não dizem muito respeito à nossa vida, então não atrai muito importância. Precisaria ter uma busca ativa para se informar o que eles estão fazendo. Para obter esse tipo de informação? Então, acaba passando despercebido do nosso olhar. A não ser que tem uma coisa muito fora da casinha. Vai lá. É assim que a gente presta atenção.” (mulher jovem parda – Belém)*

*“Eu tenho muito interesse pela política, eu procuro me informar todos os dias. Assisto aos telejornais menos a Globo, porque acho que a Globo não é imparcial. Dá uma versão muito distorcida. Eu gosto de assistir a CNN. E gosto de me informar pela internet, através dos sites dos jornais. Eu acompanho pelo Facebook, às vezes. Não chega muita informação política para mim pelo Instagram. Eu acho que pelo Facebook é mais forte.” (mulher branca – Fortaleza)*

*“Não gosto muito de acompanhar pela televisão. Eu geralmente busco outras fontes. Eu busco a raiz das informações. Hoje em dia a gente tem muita questão das fake news. Muitas vezes as pessoas acabam sendo enganadas e manipuladas de forma mal por mal maldosa. É um assunto que eu gosto, mas sempre quando tem algum dado polêmico, eu busco a raiz. Venda onde realmente saiu. Agora na pandemia, como eu sou da área da saúde. Saiu muita informação confusa.” (mulher madura preta - Brasília)*

*“A gente só tem debate para grandes cargos. Por que não? O debate entre os deputados? Um deputado que é mais votado de algum partido. Eu achei um absurdo nessa eleição. O candidato que falta ao debate está tudo bem.” (homem maduro pardo – Curitiba)*

*“Sinceramente, não sei nem para quem votei para deputado, não sei o que eles estão fazendo, não sei quais são os projetos deles. Ele só vai aparecer agora em 2022. Eu nem lembro se ele foi eleito ou não (fala rindo).” (homem maduro pardo – Belém)*

## **6. Políticos admirados**

Perguntamos também se os participantes tinham algum político admirado. Em muitos grupos não houve qualquer manifestação, mas em outros sim, ou seja, a intensidade dessas respostas foi muito desigual de grupo a grupo, com alguns manifestando forte rejeição à classe política.

### **Nuvem de palavras**

Nuvem de palavras formada a partir do texto integral das transcrições de todos os 40 grupos focais, ao longo do módulo de conversa sobre os políticos mais admirados pelos participantes.



Do outro espectro ideológico, o vereador da cidade do Rio de Janeiro, ex-integrante do Movimento Brasil Livre e vlogger ultradireitista Gabriel Monteiro foi citado em 6 grupos, de 5 capitais, como figura admirável por sua disposição em fazer denúncias contra serviços públicos de baixa qualidade.

Barack Obama foi o político estrangeiro mais lembrado, mas as referências a ele ocorreram nas seções nas quais a questão racial foi debatida.

Um contingente expressivo não respondeu tal pergunta ou declarou explicitamente não ter qualquer admiração por políticos, posição frequentemente ligada à atitude de desilusão com a representação.

## **Falas**

*“O meu favorito, ao qual sou imensamente agradecido, é o Lula. Quem Conhece, sabe o histórico dele eu vou ser imensamente agradecida ao que ele fez para mim e a minha região, que é o nordeste.” (mulher evangélica - Fortaleza)*

*“Rogerio. Eu também sou o PT. Sou pelo Lula também. O Lula fez muitas coisas boas pelos pobres. Fez muitas casas. Minha casa, minha vida fez muitas coisas boas. Ele foi bom. Ele foi uma pessoa maravilhosa. Se ele se candidatar, voltam mesmo.” (homem evangélico - Fortaleza)*

*“Eu gosto sempre do Lula. Ele roubou, mas fez alguma coisa.” (mulher madura parda - Belém)*

*“Tem 2 vereadores aqui de Curitiba. Inclusive a Carol, a primeira vereadora negra. O Renato e o Renato Freitas. Eles são 2 vereadores do PT, os 2 são negros. Eles estão fazendo um show de representatividade. Está lutando pelos nossos direitos. Eu acho que começa assim na cidade, onde depois é só falta só para o estado. Eu tenho Esperança que isso possa ser crescer bastante pelo Brasil.” (mulher jovem parda – Curitiba)*

*“Igual a Marielle. Ela era uma pessoa na qual acreditava que iria me representar. Por ser negra. Ela era do PSL (sic). Ela tinha umas ideias legais. E ela também era cria de comunidade. Ela começou a militar sobre isso porque uma amiga dela foi assassinada por bala perdida na comunidade em que ela morava, em que Ela Foi criada. Eu não vejo representatividade negra de mulheres. Que nem a Dilma foi tirada porque era a mulher. Eu não vejo pessoas me representando.” (mulher madura parda - Rio de Janeiro)*

*“Eu acho importante. Quanto mais você vê alguém num cargo. Que nem o presidente barak Obama. Dá inspiração às pessoas.” (homem jovem pardo - Cuiabá)*

*“A Marielle tentou entrar e deram um jeito de dar um fim nela. Ela estava brigando pelos nos-sos direitos. Ela estava brigando contra o preconceito racial, contra a homofobia. Isso começou a incomodar muitos brancos. Não digo que todos os brancos são racistas, mas a maioria deles é. Colocando políticos negros ali, eles vão criar mais direitos para o Negro.” (homem jovem pardo - São Paulo)*

*“Gabriel Monteiro. Independente de hoje estar sendo julgado. Eu não sei se ele está certo ou se está errado. Não, mas a forma de como ele está levantando a Bandeira. Um vereador não deve ficar só dentro da Câmara. Ele faz um levantamento no hospital público, de forma honesta. Saber o que está acontecendo dentro de uma escola. Se todos os vereadores saíssem do local para poder pesquisar, Saber o que está acontecendo de forma transparente.” (homem branco - Rio de Janeiro)*

*“Gosto muito do Gabriel Monteiro, por ele fiscalizar a saúde, tudo.” (vários concordam e apoiam o trabalho do Gabriel Monteiro) (homem maduro pardo – Rio de Janeiro)*



A opção mais frequente foi a pesquisa da biografia e propostas dos candidatos. Muitos participantes declararam gastar tempo e energia para se informar sobre candidato que mais se alinha com seus interesses e aspirações. Alguns disseram fazer isso somente no período eleitoral, enquanto alguns poucos falaram em seguir os políticos mesmo depois de eleitos. A palavra “histórico” foi muito utilizada, dando a entender uma preferência nesse grupo por candidatos que já tenham exercido cargos políticos ou alguma função pública.

Em segundo lugar nas preferências vêm aqueles que dizem seguir o conselho de amigos e parentes na hora de escolher o candidato a votar. Foi muito frequente nesse grupo a referência à família como fonte de informação e convencimento da escolha eleitoral. Essa opção está por vezes ligada a uma atitude de desilusão com a representação política, o que leva esses eleitores a “terceirizarem” a escolha do voto.

Logo em seguida, na ordem das frequências, vêm aqueles que dizem atentar para o partido político dos candidatos, pois o partido geralmente dá uma linha coerente de ação e facilita a escolha. Essa escolha denota o reconhecimento do papel do partido político como agregador de preferências e ideologias, ou seja, é uma postura bastante politizada que enxerga o processo eleitoral para além dos candidatos.

Em quarto lugar da lista das razões mais frequentes vem a preferência por candidatos de bairro ou de comunidade. Alguns participantes colocam esse quesito na frente de qualquer outro por valorizarem mais benefícios concretos locais do que o engajamento em grandes temas coletivos. Por outro lado, podemos ver essa atitude como uma acomodação às alternativas presentes no território de moradia ou simples adesão a um candidato que se apresenta como representante desse território.

Como menor frequência tivemos também participantes que declararam optar por agendas e bandeiras políticas específicas na escolha do voto. Entre elas, o feminismo foi a mais frequente, seguido por aqueles que dizem preferir candidatos de esquerda e os que dizem votar para candidatos de sua igreja – essa opção apareceu somente nos grupos de evangélicos.

Essa seção também permitiu que os participantes manifestassem seus sentimentos negativos em relação à representação política, assunto que trataremos em maior detalhe quando analisarmos a desilusão com a política. É digno de nota o fato de muitos participantes declararem o voto nulo ou mesmo abstenção premeditada. A rejeição aos partidos políticos também surgiu entre os comentários, enunciada por pessoas que não vêm sentido em sua atuação e que preferem, portanto, analisar individualmente o histórico dos candidatos.

## **Falas**

*Tem eleição para governador e para presidente e a gente fica meio sem saber em quem votar. Eu acho que é muito importante. A gente pesquisar, a gente olhar o histórico do candidato. Ver o que ele fez. Para poder tentar votar em alguém que vale a pena e não queimar o voto. A maioria do brasileiro vai lá e vota, alguém que indicou. Eu vejo pela internet. Eu vejo pelos telejornais. (mulher branca - Rio de Janeiro)*

*Eu procuro saber quais são as propostas dele, o que ele quer fazer na comunidade para melhorar. Procuro saber também se ele já fez alguma coisa. E se eles já fazem alguma coisa para comunidade, mesmo não sendo eleito. Como eu morava num lugar pequeno, não vai ser fácil ter pessoas que conviviam com essas pessoas aqui em Salvador é mais difícil. Eu voto menos pela sigla e mais pelo perfil do candidato. (mulher evangélica - Salvador)*

*Eu sou pela impessoalidade. A gente precisa votar no que é melhor. Tem que pesar tanto as propostas do candidato como as propostas do partido. Primeiro, perde outro. (homem jovem pardo - São Paulo)*

*Eu tenho um amigo que trabalha na Câmara. Geralmente é o voto por indicação dele. Eu não sou uma pessoa leiga, mas não atendo muito para isso. (homem evangélico - Belém)*

*Não entendo muito de política e vou mais pela família mesmo. Minha família vai lá, eles veem direito e discutem muito. Todo mundo gosta muito. Talvez seja por isso que eu não goste. E aí, o que eles falam... (mulher jovem parda - Cuiabá)*

*A gente segue uma linha de raciocínio com relação à indicação. Mas eu faço uma pesquisa para saber que projetos ele tem para a população, e quais as expectativas dele. (homem evangélico - Brasília)*

*Eu olho bastante para o partido, porque eu acho que o partido diz para que lado ele vai. O que ele quer para o país? (homem maduro preto - Curitiba)*

*Eu olho o partido, as propostas, se for deputado, vejo se propôs lei, se já fez alguma coisa. (mulher madura parda - Rio de Janeiro)*

*Eu voto no indivíduo e não na legenda partidária. Para até porque a cada mês, a cada ano surge um novo partido político. Eles próprios mudam de partido, como mudo de time de futebol. Eu não voto em partido. Voto de indivíduo. Eu voto sempre nas pessoas que eu con-fio. Pessoas que eu conheço, porque eu faço parte de uma igreja. Sempre tem alguém que está candidato. (mulher evangélica - Curitiba)*

*Eu gosto de ver o histórico das pessoas, sem-pre voto em mulheres porque eu sou feminista. Do gênero, eu dou preferência pelo gênero. Eu acho que. Eu vou mais pela pessoa, não pelo partido. (mulher madura parda - Belém)*

*Eu me identifico com os deputados, com os políticos que seguem. A mesma linha que eu. Que é a defesa das minorias. (mulher jovem parda - Brasília)*

*No meu caso, eu avalio para os candidatos que tem aqui no bairro mesmo eles vêm com a proposta. E tem uns candidatos aqui do bairro que já vem fazendo coisas do bairro mesmo. Até mesmo antes da época da eleição. (mulher madura preta - São Paulo)*

*A gente vai pelos que já estão, porque eles têm um histórico. E também procuro aquele que está mais próximo da minha comunidade. (mulher madura parda - Brasília)*

## **8. Raça e representação política**

Essa seção introduz o tema da raça no roteiro. Começamos por tratar diretamente do problema da subrepresentação de negros em cargos políticos em todo o país, mas com foco no legislativo federal.

Os participantes assistiram a um vídeo com reportagem sobre os resultados da eleição de 2022 e a continuidade, a despeito de ligeiro progresso, da sub-representação de negros no Congresso Nacional. Em seguida, houve discussão acerca do tópicos, suas causas e consequências.<sup>6</sup>

6 Link para o vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=6UwgPkUp120&t=7s>





São muitos os motivos aludidos pelos partici-pantes para explicar a sub-representação dos negros na política. De longe, o mais citado, em todos os grupos, é o preconceito e o racismo da sociedade brasileira em relação aos negros. Alguns desses comentários se utilizam de argu-mentos históricos e outros se limitam a detectar esses males na sociedade dos dias de hoje. Mui-tas das falas que contém esse argumento são ambíguas quanto ao funcionamento específico do racismo, ora sugerindo tratar-se do conjunto de barreiras sociais e econômicas enfrentadas por negros que querem se tornar candidatos, ou seja, ter acesso à carreira política, e ora su-gerindo que seria propriamente o preconceito racial do eleitorado brasileiro que prefere não votar em candidatos negros. A despeito dessa opinião disseminada, experimentos feitos no âmbito da pesquisa acadêmica não mostraram forte preconceito dos eleitores em relação a candidatos negros.<sup>8</sup>

O segundo motivo mais citado é a falta de recursos e oportunidades dos negros para se candidatarem, fazerem companhia e vencerem uma eleição. Esse argumento está frequentemente ligado a percepções de que a política é uma atividade socialmente excludente e elitizada, e monopolizada por famílias tradicionais, geração após geração, geralmente de brancos. Essa visão, portanto, é mais institucional e concorda com os resultados mais recentes das pesquisas acadêmicas sobre as barreiras encontradas por candidaturas negras. De fato, a quantidade média de recursos recebidos por candidatos(as) negros(as) é muito inferior a dos brancos.<sup>9</sup>

Outro motivo citado, mas menos comum, é a falta de candidatos negros, que também poderia ser visto como uma consequência da falta de recursos. Esses motivos são inteiramente coerentes com o anterior, pois podem ser entendidos como consequências dele.

Em terceiro e quarto lugares vem dois motivos bastante próximos e que também podem ser entendidos como produtos do racismo societal: o preconceito de negros contra negros e a falta de consciência racial. Esses argumentos aparecem algumas vezes como forma de isentar a sociedade de responsabilidade sobre a subrepresentação política dos negros, como se bastasse sua vontade e autodeterminação para se equipararem aos brancos na ocupação das várias posições sociais de status.

Houve também poucas referências à falta de segurança de candidaturas negras na sociedade brasileira, nas quais foi citado o caso do assassinato de Marielle Franco.

### **Falas**

*Isso é preconceito de gente ignorante. As pessoas votam nos brancos e não no preto por preconceito. (homem maduro pardo - Rio de Janeiro)*

.....

8 Bueno, Natália S., and Thad Dunning. 2017. "Race, Re-sources, and Representation: Evidence from Brazilian Poli-ticians." *World Politics* 69 (2):327-365.

9 Campos, Luiz Augusto, and Carlos Machado. 2020. *Raça e eleições no Brasil*. 1a edição. ed. Porto Alegre, RS, Brasil: Editora Zouk.

*Eu acho que é o preconceito a principal causa. Preconceito por conta da cor da pessoa. Passa um negro com cabelo afro do lado, a pessoa olha torto... É racismo de todas as partes. Somos todos iguais... Principalmente se for uma mulher pior ainda, além de ser mulher preta, tipo eu, não é? Eu falo porque já escutei muito. Então, na cabeça das pessoas, não é uma burrice, já são duas. (mulher jovem parda – Cuiabá)*

*O problema dos candidatos é como eles vão se fazer conhecer. Quem vai patrocinar essa pessoa para chegar à população, apresentar os projetos? É muito difícil, por isso que a elite permanece no poder. Nós precisamos poder ajudar essas pessoas financeiramente falando. É muito caro pagar a televisão, pagar a gráfica. (homem maduro preto – Salvador)*

*Eu acho que não tem mais pessoas negras na política, não, porque as pessoas não querem mais por falta de oportunidade. Eu conheci várias pessoas que gostariam de trabalhar na política. Eu acho que é um problema da estrutura da sociedade mesmo... Se a gente não se apoiar, vamos ficar para trás mesmo. Se as pessoas negras não se juntarem, ficarem se separando. É isso que vai levar a gente cada vez mais para baixo. (mulher jovem parda – São Paulo)*

*Eu acho que essa diferença que existe não é só na política. Em qualquer âmbito, em qualquer área, existe esse preconceito, por mais absurdo que possa parecer. As pessoas negras convivem com isso diariamente, em qualquer lugar que elas frequentem. Isso não é só na política. Muito. Isso é totalmente pertinente. Acho infeliz que é necessário ter negros em uma na Câmara para que isso seja discutido. Devia partir dos brancos, abraçar essa causa, que é uma causa humanitária. Não é só uma casa dos negros. (mulher madura parda - Curitiba)*

*Eu acho que a política não tem tanto essa voz negra porque as pessoas não tinham tido tantas chances. Hoje não. As pessoas estão mais conscientes de seus valores, do seu espaço na sociedade, e eles estão lutando. Antes, não, não tinha tanta luta. Hoje a gente tem voz, eu acredito que possa mudar. Eu acredito que estava mudando, mas ainda é triste a situação que está se vivendo. Socialmente, porque existe preconceito, muito preconceito em faculdades, em colégios, em vagas de trabalho. Tem que ser bonita, branca, cabelo bonito, precisa ser magra, não pode ser gorda. Tem que ter o cabelo liso. Existe preconceito em todas as formas. Eles exigem que as mulheres tenham peitão, bundão. É que nem o racismo negro. (mulher madura preta - Fortaleza)*

*Existe um condicionamento muito forte. A maior parte dos pretos acha que o representante político não é como eles, o representante político é branco de classe média, com outra história social. Eles estão acostumados a ver os políticos como brancos. Enquanto não tiver essa politização geral, vai ser complicado. (homem maduro preto - Salvador)*

*Eu acho que na política o direito tinha que ser igual para todos. Eu acho que é a oportunidade, eles próprios se discriminam. Os próprios negros se afastam, recuam, não correm atrás, não mostram interesse. (mulher branca - Cuiabá)*

*Eu não acho que seja racismo. É o fato que as famílias que já estão no poder são brancas. E elas colocam as pessoas que são da família delas no poder também. (homem branco - Brasília)*

## **8.2. Consequências da representação negra**

### **Nuvem de palavras**

Abaixo temos a nuvem de palavras formada a partir do texto integral das transcrições de todos os 40 grupos focais, ao longo da discussão sobre as consequências da promoção de maior igualdade na representação política dos negros.<sup>10</sup>

.....

<sup>10</sup> Os termos “negro”, “negro” e seus plurais foram retirados da lista das palavras pois eram muito frequentes, dificultando a leitura das outras palavras.



## Análise

Quando perguntados sobre as consequências da eleição de mais negros para cargos políticos, particularmente no parlamento, a resposta mais frequente foi a de que se isso acontecesse ajudaria a melhorar as condições dos negros em geral. Isso no sentido de que políticos negros se mobilizariam para produzir políticas públicas que atendessem mais as necessidades da população negra.

Quase empatada na frequência vêm o argumento de que a entrada de mais negros na política ajudaria no combate ao racismo. Esse argumento poderia ser considerado um subitem do anterior. A ideia aqui é que a contribuição mais importante do aumento da representação negra seria especificamente a luta contra o racismo e a discriminação, por meio de políticas públicas.

E em terceiro lugar vem o argumento de que a entrada de negros na política facilitaria o acesso de outros negros à política, em grande medida pelo exemplo, por mostrarem que o acesso a esse espaço, percebido como dominado pela elite branca, é possível.

Esses três argumentos apareceram bastante concatenados com a ideia, expressa várias vezes em diferentes grupos da pesquisa, de que para defender os interesses dos negros é necessário conhecer sua perspectiva de vida, ou seja, ser também negro. Como brancos não sofrem discriminação e preconceito racial, seriam mal equipados para tomar iniciativas para combater essas mazelas.

## Falas

*Eu também acho que deveria ter mais pessoas negras. Acho que deveria ter mais deputados, prefeitos, governadores. É muito importante ter a cota, ter gente que está lá, porque passa a trabalhar por nós e por tudo. Eu acho que tem muito pouca pessoas negras trabalhando em cargos públicos. Tudo por causa do preconceito. (mulher madura parda – Cuiabá)*

*Na questão racial, acho que o negro ajuda o negro, porque ele sabe o que passava. (homem jovem pardo – Salvador)*

*Não vou dizer que ia resolver, mas ia ajudar bastante, porque eles vão se unir. Um exemplo é Barak Obama. Ele foi presidente dos Estados Unidos e negro. (homem maduro pardo – Belém)*

*Com mais representação vai ter mais aceitação da população. É uma coisa estrutural, como eu disse. Tendo gente mais semelhantes a eles, eles aceitariam mais, e teria uma evolução maior no combate contra o racismo. (homem jovem pardo – São Paulo)*

*Eu acredito na questão da representatividade. Eu acho que quanto mais se vê, mais se acredita. Quanto mais se vê pessoas negras no poder na política, em qualquer cargo, as pessoas se inspiram, acreditam mais nisso. (mulher jovem parda – Cuiabá)*

*Vendo toda essa barbaridade, está acontecendo na cidade da gente. Esses políticos brancos não fazem nada. Devia de ter mais negro na política mesmo, para ver se ajudava o país. (mulher evangélica - Fortaleza)*

*Se houvesse mais negros a política, isso mudaria a realidade dos negros do nosso país, principalmente nas novas gerações, porque eles iam começar a ver políticos negros e isso ia despertar nelas o sonho de também ser político. Quando você não vê, você não quer. É muito raro você ver um médico ou uma médica negra. É o exemplo da modelo. (homem evangélico - Brasília)*

## 9. Conclusão

Os resultados apresentados nesta primeira parte do estudo permitem delinear um conjunto consistente de padrões nas percepções políticas do eleitorado brasileiro.

Primeiramente, quando convidados a refletir sobre os principais problemas da vida cotidiana, os participantes dos grupos focais priorizam temas associados às condições materiais de vida – saúde, segurança, emprego, inflação e transporte – frequentemente relacionados às dificuldades agravadas pela pandemia e pela deterioração das condições econômicas recentes. A política institucional aparece menos como um campo de ação coletiva estruturado e mais como um espaço distante da experiência cotidiana dos cidadãos.

Em segundo lugar, os hábitos de informação política revelam forte centralidade das redes sociais e da internet, particularmente do Instagram, como principal meio de acesso a notícias e discussões sobre política. Ao mesmo tempo, emerge um clima difuso de desconfiança em relação às fontes de informação, tanto digitais quanto tradicionais, acompanhado por frequentes referências à circulação de notícias falsas e à parcialidade da mídia.

A pesquisa também evidencia níveis significativos de desilusão com a representação política. Muitos participantes declaram acompanhar pouco a atuação de deputados ou manifestam dificuldades em identificar representantes e avaliar seu desempenho. Esse distanciamento contribui para práticas de escolha eleitoral baseadas em critérios variados – desde a análise de propostas e histórico de candidatos até recomendações de familiares, identificação partidária ou vínculos territoriais com comunidades e bairros.

No que diz respeito à questão racial, os resultados indicam um quadro complexo. Embora muitos participantes reconheçam a sub-representação de negros na política brasileira e associem esse fenômeno ao racismo estrutural e às desigualdades sociais, outros manifestam desconhecimento prévio do problema ou rejeitam explicitamente a ideia de que a raça deva ser considerada no processo de escolha eleitoral. Ao mesmo tempo, há indícios de que parte do eleitorado percebe avanços graduais na presença de negros na política e em outras esferas sociais.

Essa combinação de reconhecimento parcial do problema, percepções ambivalentes sobre suas causas e níveis variados de saliência da questão racial sugere que o tema da representação racial ocupa um espaço ainda instável na formação da opinião política dos eleitores brasileiros, inclusive dos negros, a despeito de serem severamente sub-representados na política de nosso país.

A segunda parte deste estudo dá continuidade a essa investigação, examinando de forma mais aprofundada as percepções dos eleitores sobre políticas públicas associadas à agenda da igualdade racial e sobre o papel da identidade racial na representação política e nas escolhas eleitorais.

## Referências

CAMPOS, Luiz Augusto, and MACHADO, Carlos. 2020. **Raça e eleições no Brasil. 1a edição.** ed. Porto Alegre, RS, Brasil: Editora Zouk.

SOUZA, Amaury de. 1971. **Raça e política no Brasil urbano.** Revista de Administração de Empresas 11 (4):61-70.

SOARES, Gláucio Ary Dillon; SILVA, Nelson do Valle e. 1985. **O Charme Discreto do Socialismo Moreno.** Dados 28 (2):253-273.

MITCHELL, Gladys. 2009. **Identidade coletiva negra e escolha eleitoral no Brasil.** Opinião Pública 15:273-305.

BUENO, Natália S., and DUNNING, Thad. 2017. **Race, Resources, and Representation: Evidence from Brazilian Politicians.** World Politics 69 (2):327-365.

HASENBALG, Carlos, and SILVA, Nelson do Valle. 1988. **Estrutura social, mobilidade e raça.** Rio de Janeiro: IUPERJ; Hasenbalg, Carlos A. 1979. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. 2006. **Classe, raça e mobilidade social no Brasil.** Dados 49 (4):833-873.

DAFLON, Verônica Toste; CARVALHAES, Flávio, and FERES JÚNIOR, João Feres. 2017. **Sentindo na Pele: Percepções de Discriminação Cotidiana de Pretos e Pardos no Brasil.** Dados 60 (2):293-330.

## Como citar

Feres Júnior, João & de Paula, Carolina. **Raça e voto 2022: Percepções do eleitorado brasileiro, Parte I.** (GEMAA; LEMEP), IESP-UERJ, 2026, p. 1-29.